



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
ARTES CÊNICAS - IDA

WILY DA SILVA OLIVEIRA

**VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NA CONSTRUÇÃO DE
PATRIMÔNIO IDENTITÁRIO NO BLOCO VAI-QUEM-QUER
DE CIDADE OCIDENTAL - GO**

BRASÍLIA - DF

2018

WILY DA SILVA OLIVEIRA

**VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NA CONSTRUÇÃO DE
PATRIMÔNIO IDENTITÁRIO NO BLOCO VAI-QUEM-QUER
DE CIDADE OCIDENTAL - GO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora do
Departamento de Artes Cênicas da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas, sob
orientação do Professor Dr. Jorge das
Graças Veloso.

BRASÍLIA - DF

2018

WILY DA SILVA OLIVEIRA

**VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS NA CONSTRUÇÃO DE
PATRIMÔNIO IDENTITÁRIO NO BLOCO VAI-QUEM-QUER DE
CIDADE OCIDENTAL - GO**

Monografia de autoria de Wily da Silva Oliveira, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada em:

Brasília-DF, ____ de _____ de 2018.

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso - Orientador
CEN, Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro - Examinador
CEN, Universidade de Brasília

Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos - Examinador
CEN, Universidade de Brasília

BRASÍLIA
2018

Dedico este trabalho à vida. Mãe das
festas, terrenas e astrais.

A nós, povo ocidentalense.
Às guerreiras e guerreiros que lutam pela
transformação da realidade

AGRADECIMENTOS

A todos os meus ancestrais que me possibilitaram essa forma de existência. Eis aqui uma parte importante da nossa missão de conhecermos e transformarmos com amor e paz, juntos aos nossos irmãos, parte deste planeta que ainda vive em constante guerra. Somos a resistência para fortalecer esses valorosos ensinamentos.

Agradeço com alegria e amor aos meus pais, José Maria e Maria Célia, que apoiam e respeitam na minha posição diante à vida. Ao meu filho, Jorge, que hoje está junto às estrelas a nos iluminar. Aos meus irmãos de sonho e de sangue: Wesley Oliveira e Átila Barreto. À minha amada companheira, Bárbara, que divide comigo afetos e lar, e que me ensina valores primorosos sobre a convivência e sobre Educação Ambiental.

À Universidade de Brasília e ao Departamento de Artes Cênicas, por tantos aprendizados e desafios, que fizeram-me conhecer meu lado artístico, crítico e profissional.

Ao professor Graça Veloso, pelo acolhimento deste trabalho e por ter me apresentado a etnocenologia. Gratidão!

Aos meus companheiros ocidentais, encarnados e desencarnados, que fizeram e ainda fazem parte de minha trajetória. Eis aqui, uma das nossas significativas vitórias!

"Minha carne é de carnaval, meu coração é igual".
Os Novos Baianos. Luis Galvão / Moraes Moreira / Paulinho Boca de Cantor

RESUMO

A etnocienologia vem estudando os aspectos das práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados, o que serviu como base para o presente trabalho que discute como as vivências e aprendizagens estão contribuindo para a construção de patrimônio identitário no Bloco de Carnaval de Rua, Vai-Quem-Quer de Cidade Ocidental - GO, periferia do Distrito Federal. Não existem estudos sobre essa manifestação cultural, nessa região específica, por isso, se reconhece a necessidade dessa pesquisa e de compreendermos como esses sujeitos dialogam nas suas formas de expressão, organização coletiva e em suas trocas de saberes no contexto estudado. Nesse sentido, apresento vivências e aprendizagens na construção do patrimônio identitário do Bloco. Isso se dá por meio da pesquisa de campo na Cidade Ocidental no qual fiz análise documental, utilizando fotografias, marchinhas, bonecos das lendas da cidade, entrevistas e falas de participantes e organizadores. Foi identificada nessa pesquisa a busca pelo reconhecimento e valorização da prática espetacular humana organizada do Bloco, que é uma ação política e coletiva, responsável pela criação de Patrimônios Identitários que expressam o Ser e a Identidade do povo ocidentalense.

Palavras-chaves: Etnocienologia. Cidade Ocidental-GO. Vivências e Aprendizagens. Patrimônios Identitários. Bloco Vai-Quem-Quer. Carnaval de Rua.

ABSTRACT

Ethnology has been studying the aspects of organized human practices and spectacular behaviors, which served as the basis for the present work that discusses how the experiences and learning are contributing to the construction of identity patrimony in the Block of Street Carnival, Go-Who-Want of Cidade Ocidental - GO, periphery of the Federal District. There are no studies on this cultural manifestation in this specific region. Therefore, we recognize the necessity of this research and understand how these subjects dialogue in their forms of expression, collective organization and in their exchanges of knowledge in the studied context. In this sense, I present experiences and learning in the construction of the Identity Heritage of the Block. This is done through the field research in the Cidade Ocidental in which I did documentary analysis, using photographs, marchinhas, dolls of the city's legends, interviews and talks of participants and organizers. It was identified in this research the search for recognition and appreciation of the spectacular organized human practice of the Block, which is a political and collective action, responsible for the creation of Identity Patrimonies that express the Being and Identity of the people.

Key Words: Ethnology. Cidade Ocidental-GO. Experiences and Learning. Identity Patrimony. Block Go-Who-Want. Street Carnival.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. CAMINHOS QUE ME LEVAM A SER	13
CAPÍTULO 2. CIDADE OCIDENTAL E SEUS SUJEITOS.....	19
2.1 Cultura e seus sujeitos.....	23
CAPÍTULO 3. O BLOCO VAI-QUEM-QUER E SEUS SUJEITOS	28
3.1 Narrativas, canções e bonecos	38
3.1.1 A noiva do lago	38
3.1.2 Vovô Osório	40
3.1.3 Vampirão	42
3.1.4 Marmelo.....	42
3.1.5 Marchinha do Vai-Quem-Quer.....	43
3.2 Resultados e discussão	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	
APÊNDICE A - ENTREVISTA.....	50
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ORGANIZADORES E PARTICIPANTES DO BLOCO DE RUA VAI-QUEM-QUER..	52
ANEXOS	
ANEXO A - AO CENTRO ESTÁ JÚLIA JUNTAMENTE AOS DEMAIS INTEGRANTES DA ALA DA BORBOLETA, NA 5ª EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE 2018.	53
ANEXO B - PRIMEIRA EDIÇÃO DO BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM TUDO QUER NADA PODE, 2014. NO FUNDO, PARTE DOS INTEGRANTES DO COLETIVO DE ARTISTAS DA CIDADE E À FRENTE A PRIMEIRA MORADORA A SE INTEGRAR NA FESTA.....	53
ANEXO C - SEGUNDA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: SE TU NÃO QUER, TEM QUEM QUEIRA, 2015.	54

ANEXO D - SEGUNDA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: SE TU NÃO QUER TEM QUEM QUEIRA, 2015	54
ANEXO E - TERCEIRA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM TÁ FORA PODE ENTRAR E QUEM TÁ DENTRO NÃO SAI. PARADA NO BAR DO ZÉ MARIA	55
ANEXO F - TERCEIRA EDIÇÃO DO BLOCO VAI QUEM QUER, 2016. PRIMEIRA VEZ QUE UTILIZAMOS OS INSTRUMENTOS DA ANTIGA ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA OCIDENTAL, NA AVENIDA	55
ANEXO G - QUARTA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM NÃO KISS VAI QUERER, 2017. O ANO EM QUE A BONECA DA NOIVA DO LAGO FOI PARA A AVENIDA.....	56
ANEXO H - VAI QUEM QUER, LEMA: QUEM NÃO KISS VAI QUERER, 2017	56
ANEXO I - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM NÃO KISS VAI QUERER, 2017	57
ANEXO J - VAI QUEM QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. TROFÉU DE MELHOR FANTASIA, VOTADA POR JÚRI POPULAR.....	57
ANEXO K - ALA DAS BORBOLETAS. VAI QUEM QUER, 2018.	58
ANEXO L - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE.	58
ANEXO M - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. CONCURSO DE FANTASIAS.....	59
ANEXO N - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. MÚSICOS DO BLOCO	59
ANEXO O - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. UNIÃO DE DIFERENTES GERAÇÕES NO BLOCO	60
ANEXO P - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018	60
ANEXO Q - MOMENTOS.....	61
ANEXO R - DANÇA	61
ANEXO S - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018	62
ANEXO T - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE.	62
ANEXO U - ARTES DE DIVULGAÇÃO DAS EDIÇÕES DO VAI-QUEM-QUER.....	63

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mistura do Verde da Mata com o Azul do Mar.	25
Figura 2 - Marchinha 1: Noiva do Lago	39
Figura 3 - Marchinha 2: Vovô Osório.....	39
Figura 4 - Marchinha 3: Vampiro na Presidência	42
Figura 5 - Marchinha 4: É marmelada é marmelo	43
Figura 6 - Marchinha 5: Vai quem Quer	44

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Bianca Caixeta (com flores na cabeça) com Damaris Inana e Natália. 1ª edição do Bloco Vai-Quem-Quer, 2014.....	31
Imagem 2 - Dudu Guerreiro cantando na 5ª edição do Bloco Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode, 2018	31
Imagem 3 - Robson e a Noiva do Lago na 4ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Não Kiss Vai Querer, 2017	31
Imagem 4 - Elvira fantasiada de Rainha do Marmelo, na 5ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode.	32
Imagem 5 - Lenildo do CD na 2ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Se Tu Não Quer, Tem Quem Queira, 2015.....	34
Imagem 6 - Lenildo com chapéu de guarda chuva, puxando o bloco com o “trio elétrico”, 2015.....	35
Imagem 7 - Vivências e aprendizagens na produção do estandarte da Ala da Borboleta e de máscaras, 2018.....	38
Imagem 8 - Marcos brincando com a Noiva do Lago na 5ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode, 2018	39
Imagem 9 - Vovô Osório ao centro, tocando pandeiro no desfile da Escola de Samba Unidos da Ocidental, na década de 90	41

Imagem 10 - Cabeça do Vovô Osório vestida por Heitor Alcântara. Vai-Quem-Quer, Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode, 2018.	41
Imagem 11 - Robson brincando com a máscara do Vampirão - 5ª edição do Vai-Quem-Quer, lema: Quem Quer Pode Quem Não Pode Se Sacode, 2018.....	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata e reflete, criticamente, sobre o Bloco de Carnaval de Rua Vai-Quem-Quer, em suas vivências e aprendizagens para construção do Patrimônio Identitário de Cidade Ocidental-GO, periferia do Distrito Federal (DF). Tenho como objetivo descrever o discurso deste agrupamento social, sobre a sua própria vida coletiva, seus processos de criação, e também sobre os saberes que são compartilhados em suas práticas, especificamente no contexto festivo do carnaval.

Eu abraço o campo metodológico da etnocenologia que nos possibilita, enquanto proposta, a descrição da trajetória do sujeito pesquisador para chegar até o fenômeno pesquisado, como propõe Bião (2009). A isto sou muito grato, pois a etnocenologia me proporcionou espaço para falar dos estudos da cena e da espetacularidade humana, de festa, de corpo e de afeto, no lugar onde eu vivo. Portanto, trago para o diálogo desta pesquisa, autores do próprio município pesquisado e outros, em sua maioria, brasileiros, além de entrevistas com os práticos-fazedores inseridos no movimento pesquisado, ao qual eu também me coloco, que descrevem suas compreensões sobre si mesmos e sobre o que fazem.

Assim, no Capítulo I, eu falo de um percurso muito específico da minha trajetória. São histórias das minhas interações sociais no núcleo, familiar, na vizinhança e no trabalho. No Capítulo II, faço uma discussão sobre a Cidade Ocidental e seus sujeitos, onde reflito acerca de sua realidade de exclusão socioespacial e a questão identitária. Além disso, neste capítulo, apresento em subtópico sobre a cultura e seus sujeitos que identifiquei no campo pesquisado. O Capítulo III, trata sobre o fenômeno espetacular, que é o Bloco de Carnaval de Rua Vai-Quem-Quer e os seus sujeitos, apresento entrevistas e fotografias de alguns participantes e organizadores que expressam suas falas sobre o bloco. Em seguida, no subtópico são apresentadas narrativas, canções e bonecos. E ao final, disponibilizo dois apêndices, o primeiro contendo uma entrevista com uma adolescente que participa do bloco desde sua infância; e o segundo, são fotografias de todas as edições do bloco, de 2014 a 2018.

CAPÍTULO 1

CAMINHOS QUE ME LEVAM A SER

Este capítulo destina-se à historicização de uma parte significativa de minha trajetória enquanto indivíduo-coletivo, no interior do Goiás, em um município chamado Cidade Ocidental, onde morei por 20 anos e que hoje é a principal substância que nutre e fundamenta minha aptidão para o desenvolvimento desta pesquisa na perspectiva da etnocenologia¹. Me basearei na proposta da exposição da minha trajetória, neste primeiro capítulo, com o objetivo de contextualizá-los sobre a intensa troca que cultivo, conjuntamente, neste local, desde a infância até os dias de hoje, nas minhas relações sociais no grupo familiar, na vizinhança, e na minha experiência com o trabalho durante a adolescência no comércio do meu pai.

Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “Onde estamos”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”. (MORIN, 1921, p. 47)

Nessa perspectiva, entendo a importância de apresentar quem eu sou e de onde eu vim, e para isso eu preciso falar sobre nós. Isso significa, para mim, a prestação do devido cuidado sobre meu lugar de fala.

Fui concebido neste mundo por José Maria e Maria Célia, ambos nordestinos do interior do Ceará, que vieram para a capital do Brasil ainda muito jovens, na década de 80, buscando autorrealização financeira. Apesar de terem a região de origem em comum, os dois se encontraram quando já pisavam no Plano Piloto.

Nessa época havia um grande movimento de migração para a nova e prometida capital do país. Meu pai chegou em Brasília já alfabetizado, com Ensino Fundamental incompleto. Conseguiu ser empregado como comerciante, pois havia experienciado a prática de venda e troca na mercearia do meu avô Raimundo.

¹ Etnociência das artes do espetáculo e dos comportamentos e práticas espetaculares humanos organizados.

Meu pai conta que, por ser nordestino, sofreu muitos preconceitos naquele tempo. Chamavam-no, pejorativamente, de “Ceará”. Segundo ele, essa forma de tratamento tentava esconder a intenção opressora de apontá-lo como um “sem cultura”. Um dia, em seu trabalho, meu pai estava a observar alguns de seus clientes sentados ao balcão, contentes, comemorando a entrada de seus filhos na universidade. Diante daquela situação, começou a indagar a si mesmo, se um dia também iria ter a felicidade de ver seus filhos formados. Desde então, tomou como prioridade oferecer aos dois filhos a “cultura” que o acusavam não ter.

Faz 16 anos que meu pai montou seu próprio negócio na Cidade Ocidental, o Bar e Lanchonete do Zé Maria. Foi com este ser humano que iniciei meu aprendizado sobre a importância do trabalho para o alcance dos meus objetivos.

Minha mãe era empregada doméstica e foi abrigada na casa dos que hoje são meus avós de consideração. Muito pouco sei sobre a história dos meus ancestrais maternos, não conheço meus avós dessa linhagem. O motivo de não saber acredito que tenha sido pelo difícil passado de incontáveis dificuldades que minha mãe passou. Sinto muita falta dessa parte da minha história e respeito a razão de não ser contada. Guerreira, marcada pelas cicatrizes de suas lutas, aguentou em sua trajetória o peso da opressão por ser mulher nordestina. Maria Célia, é dona da voz mais intensa e do canto mais afinado e sincero que conheço. Hoje minha mãe é dona de casa e ajuda na manutenção da limpeza do comércio. Com ela aprendi a cantar intensamente para a vida.

Meu irmão Wesley deu início à grande realização do nosso pai de ver os filhos formados. Até onde sabemos, foi o primeiro de toda a família a entrar em uma universidade pública. Hoje meu irmão é pedagogo e mestre formado em pela Universidade de Brasília. Este ser humano me apresentou o caminho do amor aos estudos, a UnB, e a avenida, onde pulei meu primeiro carnaval.

Esses três seres humanos são parte de minhas raízes, que dão a sustentabilidade para eu seguir meu propósito neste planeta. Por isso, considerei a importância de iniciarmos essa visitação, breve e específica, sobre a história desses sujeitos.

Agora, daremos seguimento para a próxima camada de minhas interações sociais, a vizinhança. Na Cidade Ocidental, existe uma linha reta chamada rua da 19, que divide as quadras um e dois. Além de dividir as quadras, essa reta foi também espaço de muitas partilhas entre eu e meus vizinhos. Minha relação com essas pessoas foi tão intensa e presente, que para nós entrarmos nas casas uns dos outros, durante o dia, para conversar e tomar um cafezinho, não era preciso bater no portão. Apesar do desconforto gerado pelas visitas inesperadas, era um dever recebê-las bem.

Tive uma infância muito bem aproveitada nessa rua. Todos em volta contribuíram na minha criação. Minha mãe sempre me levava para a casa dos vizinhos e por vezes até me colocou sob a responsabilidade deles. A proximidade entre nós era tamanha que Tio Neto e Tia Meirinha, meus tios de consideração, organizaram por muitos anos as minhas festinhas de aniversário. Tia Ducarmo, também tia de consideração, me auxiliou em uma das partes mais importantes do meu desenvolvimento humano, minha iniciação na alfabetização.

Na linha reta 19, fiz cirandas com meus camaradas, onde cantávamos as cantigas de roda: Atirei o Pau no Gato, Ciranda Cirandinha, Borboletinha, entre outras. Brincávamos de incontáveis brincadeiras, como: pique-pega, rodar pião, jogar bola de gude, soltar pipa, enfim, fazíamos da nossa rua um palco para muitos jogos. Vivíamos em constante estado de criatividade. Éramos o que quiséssemos. Não conhecíamos o que era o tédio. Antes mesmo da escola, a rua já me ensinava sobre os saberes da interação com as diferenças. Se estou vivo hoje, sou consciente de que estes saberes me auxiliaram na sobrevivência dos vários desafios que a vida me apresentou.

Mas nem só das boas partilhas vivem os seres. Tivemos momentos muito delicados na rua 19. Muitos dos meus amigos e amigas, além de não terem tido uma base familiar estruturada, sofriam também pela irresponsabilidade do governo de não oferecer uma educação pública e de qualidade ao município. Essa falta de acompanhamento, ao longo do tempo, trouxe muitas consequências negativas. Lembro-me que no final da minha adolescência, percebi que meus amigos de infância começavam a se envolver com o crime. Por vezes tentei dialogar com alguns a respeito do risco que isso poderia oferecer. A família deles já até havia tomado

conhecimento sobre o perigoso envolvimento, mas mesmo assim, já era tarde. Alguns já tinham abandonado a escola e acabaram sendo seduzidos pelos “atalhos” que muitos homens da “quebrada” apresentaram a eles.

Um desses amigos, o “J”, aos 18 anos, já havia praticado uma série de delitos e muitas pessoas se sentiam intimidadas por ele. Apesar disso, sempre que nós conversávamos, “J” se comportava como aquele menino que tocava a bola para eu fazer o gol. Era curioso. Apesar dos caminhos diferentes que tomamos, nunca nos tratamos com indiferença. Sempre ríamos das boas lembranças e eu reconhecia as suas bondades.

Quando eu já estava no meu segundo semestre do curso de Artes Cênicas, em 2013, na Universidade de Brasília, ainda morando na Cidade Ocidental, recebi a notícia pela manhã, no portão da casa de meus pais, que Jhonata havia sido assassinado na esquina da 19. Um filme passou por todo o meu ser. Eu revivi através das lembranças as coisas que fizemos juntos. Dentre elas, o dia em que estávamos na casa dos meus pais, quando ainda éramos crianças e juntos no quarto do meu irmão, ouvíamos um CD chamado: A Arte de Tom Jobim. Nem eu e nem ele sabia quem era Tom Jobim, mas ambos tínhamos gostado da música “Águas de Março”. Ele havia gostado tanto desta canção, que pedia para eu repeti-la algumas vezes. Dizia com um sorriso no rosto que a música era boa demais. Quando acordei da vívida lembrança, fui tomado por um choro interminável. Para minha relação com “J”, era o “fundo do poço, era o fim do caminho”.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1987, p. 31)

Fui tomado pela indignação de perceber que a história de “J” poderia ter sido diferente se tivesse tido acesso à uma educação pública de qualidade, ou se tivesse tido algum tipo de envolvimento com a arte.

Recém-chegado na universidade, eu já começava a problematizar a realidade do local onde eu estava, amigos de infância presos, assassinados, viciados,

apontados como criminosos, pelo próprio Estado que os oprimia. A história desses sujeitos próximos a mim, era só mais uma entre tantas outras que já havia acontecido na região, e para a maioria das pessoas, com suas consciências imersas na realidade da domesticação opressora (FREIRE, 1987) isso era um acontecimento natural em uma região tão perigosa. Eu sofri o peso dessa realidade e senti a necessidade de buscar compreender que sujeito eu era naquele meio, como e com quem eu poderia realizar ações que pudessem, de alguma forma, transformar meus tão sentidos descontentamentos. E foi participando ativamente dos movimentos artísticos da cidade, que encontrei forças para lutar pela transformação da nossa “quebrada”.

Além da minha convivência na vizinhança, onde realizei minhas primeiras interações com o povo ocidentalense, tive a oportunidade de expandir minhas relações com os demais moradores da cidade, através do meu trabalho no Bar e Lanchonete do Zé Maria. Fazia parte do meu ofício, a observação e o diálogo com as pessoas que passavam por ali. Eu observava os loucos por natureza que ficavam ainda mais loucos com cada dose de traçado²; os trabalhadores que desciam no ponto de ônibus em frente ao bar, e que seguiam rumo à alguma mesa para fazer o pedido de uma cerveja; os bêbados moradores de rua, que nos pediam dose de pinga ou cigarro sem ter dinheiro; as mulheres que se prostituíam em troca dos custos de sua boêmia; pedreiros intelectuais, que sabiam discorrer sobre variados assuntos; as confusões e brigas geradas pelo excesso de bebida; as pessoas que me contavam sobre a admiração que tinham pela batalha do meu pai; e aqueles que me aconselhavam a estudar, dando exemplos de suas próprias vidas, sobre os maus tratos que sofriam por não terem tido outra alternativa na vida a não ser trabalhar. Entre outros, entre nós. Esta interação que tive com diferentes realidades, me auxiliou muito em minhas reflexões sobre a vida, o que me apontou os caminhos de conhecer muitas maneiras de agir e de prestar respeito às diferenças que se apresentaram a mim.

Essas andanças pelas quais o meu corpo foi marcado, por amores, horrores, reflexões e ações transformadoras, mostrou-me possibilidades de entender que eu, enquanto sujeito, não falo só por mim, eu digo sobre quem nós somos, para chegar a

² Conhaque misturado com Vermute.

quem eu sou. Eu digo sobre o que nós fazemos, para enxergar o que eu faço. Portanto, falo também do chão da nossa casa, o lugar onde pisamos, Cidade Ocidental.

CAPÍTULO 2

CIDADE OCIDENTAL E SEUS SUJEITOS

O município de Cidade Ocidental localiza-se no Entorno Sul do DF, faz fronteira com Luziânia - GO, Valparaíso - GO, Cristalina - GO, São Sebastião -DF, Santa Maria - DF. Está a aproximadamente 48 Km do Plano Piloto.

Segundo dados historiográficos, encontrados no site do Governo de Cidade Ocidental³, a história do município iniciou na década de 1970, quando o território ainda estava sob domínio territorial de Luziânia - GO. Cleto de Meirelles, dono da Construtora Ocidental Ltda., foi o responsável pela aquisição das terras da fazenda Aracati, para transformá-las em um núcleo habitacional. Em 1975, a Prefeitura de Luziânia aprovou o projeto de construção da cidade que levaria o nome da empreiteira de Meirelles. Logo após a aprovação oficial, deu-se início a sua edificação e no ano seguinte foi inaugurada, contendo apenas a Super Quadra 11. A Cidade Ocidental tornou-se Distrito do Município de Luziânia, em 1989, contendo uma administração local. No dia 9 de dezembro de 1991, foi promulgada a Lei Estadual nº 11.403, que tornou Cidade Ocidental um ente federado, que passou a exercer sua autonomia política em 1993, elegendo seus primeiros representantes. Resultado dos movimentos organizados da comunidade civil, que atuaram politicamente em defesa da emancipação da cidade.

Esses dados apresentam de forma breve o envolvimento de alguns sujeitos no processo de construção e de emancipação da Cidade Ocidental. Contudo, considero que seja importante adentrarmos um pouco mais na visita sobre a história do Município de Cidade Ocidental, para analisarmos criticamente o seu surgimento, que está relacionado aos impactos sociais, políticos e econômicos causados pela construção de Brasília, e que também está associada aos povos tradicionais quilombolas que ocupavam aquelas terras desde o apogeu do ouro, em Goiás, no século XVII (NERES, 2016).

³ GOVERNO DA CIDADE OCIDENTAL. Disponível em: <<http://www.cidadeocidental.go.gov.br/pagina/4-historia>>. Acesso em: 02 de dezembro. 2018.

Conforme as doutoras sociólogas Sousa, Machado e Jaccound (1996), no artigo presente no livro “Brasília: Moradia e Exclusão”, organizado por Aldo Piavani⁴, desde o início da construção de Brasília, as famílias que vieram das várias regiões do país, principalmente do Norte e Nordeste, para a realização das obras da nova capital, foram submetidas a condições habitacionais precarizadas, às margens do Plano Piloto, o que gerou grande número de acampamentos improvisados, tendo sido apenas alguns deles levantados por construtoras. Podemos identificar que a urbanização da capital, o intenso fluxo migratório, e a escassez de moradia, provocaram o surgimento das cidades periféricas do Plano Piloto e o surgimento das periferias de periferia, como foi o caso de Taguatinga. Segundo Doyle (1996, p. 116):

Desde a sua criação, Brasília enfrentou um grave problema de carência habitacional na medida em que implantada em pleno cerrado, em curto período de tempo. Para agravar a situação em 1958 um imenso contingente de nordestinos chegou a Brasília e instalou-se nas imediações da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. O repentino fluxo agravou a carência habitacional já existente, e a alternativa encontrada foi a criação prematura de Taguatinga.

Com isto, pretendo explicar que o surgimento de Cidade Ocidental, obedeceu também a esta lógica de exclusão socioespacial. Uma vez que na década de 70, quando foi inaugurada boa parte das cidades satélites, atuais Regiões Administrativas (RAs), formadas às margens do Plano Piloto, passaram pelo processo de desenvolvimento urbano, metropolização (PIAVANI, 2018) que desembocou no crescimento físico-estrutural, na valorização de suas moradias, na escassez habitacional e, por conseguinte, no aumento do custo de vida, que gerou assim, mais uma vez, a exclusão de classes menos favorecidas para as periferias da periferia (ocupações espontâneas, taxadas muitas vezes como “invasão”) ou para o entorno do DF.

Além da presença desses sujeitos, excluídos pela metropolização das cidades satélites, deve-se considerar, também, a história daqueles que já se faziam presentes na região, como é o caso dos remanescentes quilombolas, que habitavam-na muito

⁴ Geógrafo, professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília dedica-se a pesquisas sobre o processo de urbanização em áreas metropolitanas.

antes da construção de Brasília. Atualmente fazem mais de 270 anos de existência deste povo no local (NERES, 2016). A história do Quilombo advém dos impactos gerados pela exploração do ouro no século XVII em Luziânia - GO, na época Santa Luzia. Neres (2016), escritor, mestre em educação e pesquisador da própria comunidade, nos traz em sua obra “Quilombo, história, cultura e resistência” relatos históricos sobre o surgimento do Quilombo Mesquita, no período da crise aurífera em 1775, onde as famílias portuguesas (minorias em comparação a quantidade de negros escravizados) tiveram que deixar suas terras para migrar a outras regiões do país. Os negros que permaneceram, habitaram os interiores de Luziânia e se dedicaram a agricultura para sobreviver. Oliveira (2012), educador e pesquisador de Cidade Ocidental, nos traz também em uma parte de sua pesquisa “Quilombo Mesquita: Cultura, educação e organização sociopolítica do pesquisador coletivo” a história do “Mito Fundador” amplamente difundido na tradição quilombola, que conta sobre três negras escravizadas que receberam como doação a fazenda Mesquita, nome que talvez tenha sido dado pelo capitão-mor, José Corrêa de Mesquita, que migrou de Luziânia após a crise do ouro. Além disso, o autor nos traz os aspectos das manifestações culturais das práticas festivo-religiosas da comunidade, que possuem técnicas e saberes ancestrais, como é o exemplo da festa do marmelo e das folias (história viva, presente, que muitos moradores do próprio município não conhecem).

Atualmente, a cidade é subdividida em Zona Urbana (suas quadras e seus bairros) e Zona Rural. Nesta, temos a presença dos remanescentes quilombolas, e naquela a presença de uma quantidade significativa de sujeitos de origem nordestina, que migraram em busca de melhores condições de qualidade de vida. Muitos moradores da cidade ainda tratam os sujeitos habitantes do Povoado Mesquita de maneira preconceituosa, seja pela cor da pele ou por estarem localizados na Zona Rural. Nas escolas onde estudei, na Cidade Ocidental, por exemplo, havia alunos que se deslocavam do Mesquita até o centro para estudar. Eles sofriam opressões por parte da turma, que tirava proveito das “vantagens” de ser da Zona Urbana, como se isso os fizessem, de alguma maneira, melhores do que aqueles da Zona Rural. Ainda sobre a escola, estudávamos sobre a história da colonização e não era mencionada ou problematizada de nenhuma maneira, a história de Luziânia e do Quilombo

Mesquita. Eu somente me tornei consciente dessa dimensão histórica, presente no meu lugar de origem, quando eu já estava na Universidade de Brasília.

Cidade Ocidental é apelidada, por muitos moradores, de “cidade dormitório” pois uma boa parte da população além de trabalhar e estudar no DF, precisa resolver, também, suas questões de saúde fora do município, devido a precarização dos hospitais públicos da cidade. Além disso, neste município que tinha em 2010, 55.915 habitantes, de acordo com o IBGE, não possui teatro, museu, cinema ou ponto de cultura, criando, assim, necessidade de deslocamento para outras cidades para se ter tais acessos. Esses são alguns dos aspectos que contribuíram e ainda contribuem, de certa forma, para um sentimento bastante comum entre nós ocidentaisenses, o de não pertencimento ao local.

Para termos, talvez, melhor compreensão do termo que eu trouxe, o de pertencimento, podemos recorrer ao que Hall (2006, p. 48) reflete sobre a perspectiva de “culturas nacionais” onde nós, enquanto sujeitos, passamos por processos de formação e transformação das nossas identidades “no interior da representação”. O autor exemplifica:

Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a inglesidade (englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos um sistema de representação cultural. (HALL, 2006, p. 49).

No âmbito local, para elucidar essa citação, trago a perspectiva da minha realidade enquanto um sujeito ocidentalense. Eu não nasci com o sentimento de não pertencimento ao meu lugar de origem, muito antes, ele já era sentido pelos meus antecedentes. Com estes aprendi a senti-lo, e ao longo da vida fomos sentindo-o juntos. Nós nos vemos e somos vistos até hoje, em muitos aspectos, como uma região violenta, que não possui educação e saúde pública de qualidade. Diferentemente do Plano Piloto, que possui melhores condições nesses quesitos. Por isso, precisamos recorrer a esse e outros lugares para termos o acesso que deveríamos ter em nosso município. Pelo fato de não termos, precisamos nos deslocar para outras regiões, para usufruir do que necessitamos. Esse sentimento, o de não pertencimento, que muitos de nós até hoje sentimos e reclamamos, talvez advenha, também, daquilo que o

próprio município representa em sua trajetória histórica, socioespacial e política. Nesse sentido:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteira significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (SILVA, 2014, p. 82)

No entanto, considero importante destacar que juntamente ao sentimento de exclusão e de não pertencimento, existe também uma reação de resistência de nós sujeitos marginalizados, que revela-se em nossas organizações coletivas, onde buscamos uma ação transformadora sobre a realidade do não acesso, exemplo disto é o grupo ao qual pertenço, que atua artisticamente e politicamente nesta cidade cuja representação é projetada quase sempre de maneira negativa, como perigosa e sem boas condições de qualidade de vida. Os movimentos sociais artístico-culturais da Cidade Ocidental, ao nosso ver, contribuem, também, para problematizar, contestar e transformar essa imagem propagada de forma, na maioria das vezes, sensacionalista, pelos telejornais de canais abertos, onde destacam a violência das cidades periféricas. Nós, enquanto seres humanos, artistas, trabalhadores e moradores, somos movidos pela necessidade de produzirmos algo juntos, para podermos viver e sobreviver em nosso espaço. Por isso, nos reunimos para recriar e valorizar o nosso ser e estar neste município e para gerarmos a possibilidade do encontro das diversidades humanas seja nas festas, nos saraus, nas feiras ou em outras manifestações artísticas, que nós produzimos.

2.1 Cultura e seus sujeitos

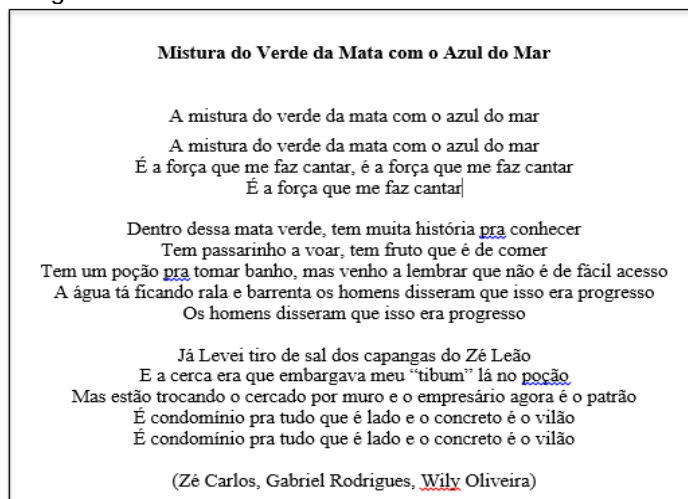
Aqui podemos entender cultura como a forma que nós humanos aprendemos e reaprendemos a criar, a conviver, a refletir e a intervir no espaço, criando símbolos e significados que dizem, sobre nós mesmos, nossas vidas e nossas realidades. Nesse sentido, a cultura está presente nas criações das nossas relações com si, com

os outros e com o mundo, nas palavras, nas ideias, nas crenças e etc., conforme menciona Brandão et al. (2008, p.30).

Embora eu perceba o existente descaso do governo municipal em relação às manifestações culturais da cidade, tanto no sentido de não oferecer certos espaços, como os citados anteriormente (teatro, museu, ponto de cultura, cinema), quanto no sentido de não prestar o devido apoio aos movimentos e manifestações artísticas da Zona Urbana e Rural, compreendo que estes grupos são resistência frente a um governo que ao longo da história surtiu impactos ambientais e culturais violentos, no sentido do desrespeito à natureza e à história dos povos tradicionais da cidade, com justificativas dos benefícios que poderiam ser gerados pela expansão da cidade. Um dos fatores problemáticos deste perverso desenvolvimento é que, na realidade, esse crescimento beneficia as classes sociais mais favorecidas, como é o caso das construções dos condomínios, um destes, de luxo, que tomou parte das terras do Quilombo Mesquita, e outros que foram construídos perto de nascentes de água, que atualmente estão poluídas. Trago rapidamente este recorte crítico sobre a minha cidade, para iniciar este capítulo, falando sobre a atuação do coletivo de artistas e trabalhadores ARTEIA⁵, ao qual faço parte, onde dentre as nossas diversas formas de manifestação, utilizamos as nossas canções para contestarmos criativa e criticamente os diversos problemas que enfrentamos em nossa realidade ocidentalense. “Mistura do Verde da Mata com o Azul do Mar”, presente na Figura 1 abaixo, é uma das músicas que representa significativamente parte das nossas lutas.

⁵ ARTEIA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CristianoMenestrel/videos/848882525157931/>> e <<https://www.facebook.com/CristianoMenestrel/videos/853092514736932/>>.

Figura 1: Mistura do Verde da Mata com o Azul do Mar.



Fonte: O autor.

Esta canção, que é agraciada e acolhida no ritmo do baião, traz dois elementos da natureza, o verde da mata e o azul do mar, para dar força ao nosso canto. Como eu havia compartilhado anteriormente, a especulação imobiliária está prejudicando o meio ambiente, o que envolve as nascentes, árvores e animais, além dos córregos e poções de água que são ambientes onde boa parte da população frequenta para tomar banho. O "tibum no poção" é um dos nossos dizeres que significa o salto e o barulho que faz quando pulamos no poço d'água. Os chamados "capangas" eram os homens montados a cavalo, que protegiam as terras do proprietário Zé Leão. Eles utilizavam espingardas que atiravam sal grosso para acertar as pessoas que se atrevessem invadir o espaço. Alguns moradores contam que já foram alvos dos tiros de sal, e que tinham que ser 'muito espertos e hábeis para que não fossem pegos pelos capangas'. Estas terras, atualmente, estão sendo vendidas para a construção dos condomínios, que levantam seus enormes muros de concreto e que barram ainda mais o nosso acesso às áreas de banho naturais.

No Quilombo Mesquita, Zona Rural da cidade, são realizados as Folias e os Festejos, eventos religiosos que interrompem o cotidiano da comunidade, que participa em quantidade significativa no preparo de suas casas para receber foliões, danças, cantorias e as rezas. Em janeiro, acontece a Folia de São Sebastião; em maio, a Folia do Divino Espírito Santo; em agosto, a Folia de Nossa Senhora d'Abadia; em outubro, a Folia de Nossa Senhora Aparecida; e a Festa do Marmelo, em fevereiro.

O cultivo do marmelo e a produção da marmelada⁶ é uma prática tão antiga quanto a comunidade. Este fruto é um símbolo de sua economia. São mais de 200 anos de história e tradição. A Festa do Marmelo, evento também religioso, neste ano de 2018 esteve em sua 16ª edição e desde o início tem como objetivo a arrecadação de fundos para a construção da igreja Nossa Senhora d'Abadia, santa padroeira da comunidade.

Na Zona Urbana, temos os movimentos independentes contemporâneos: *Hip-Hop* e a Batalha de Rima, que acontecem geralmente nas praças públicas ou no *Skate Parque*; o Arte Como Eu Faço, evento realizado anualmente na feira coberta, onde reúne os artistas da região para a exposição de seus trabalhos artísticos, artesanatos, livros, canções, poesias e danças. É um espaço de encontro entre moradores e artistas do município e do DF; O Sarau da Quebrada, intervenção artística do coletivo de artistas, estudantes e trabalhadores - ARTEIA - ao qual faço parte, que ocupa os espaços públicos do centro dos bairros periféricos, semestralmente, para também, proporcionar espaço de vivência entre artistas e moradores e para divulgarmos as nossas pautas que reivindicam por políticas públicas para a cultura da cidade e para denunciar as ações desmedidas do governo municipal, através de fanzines, músicas e poesias.

Além dos movimentos contemporâneos, existem também os históricos, como O Rock Ocidental, que ocorria na década 80 e 90. Essa época foi marcada pela formação de muitas bandas de *rock*, que se organizavam e ocupavam os espaços públicos da cidade para se apresentarem. No mesmo período, era feito o desfile da escola de samba Unidos da Ocidental, com sua bateria tocando samba enredo, junto aos foliões que apresentavam suas fantasias ao público na avenida central, todos ligados à uma temática decidida previamente pela diretoria da escola, como podemos encontrar no livro, "Cidade Ocidental Contada pelos seus pioneiros" obra do morador da Cidade Ocidental, Lander Jorge (2012), ex colunista de jornais local.

Segundo Brandão, um dos integrantes que fazia parte da agremiação da escola de samba, em uma conversa que tivemos para a organização da terceira edição do Vai-Quem-Quer, nos contou que a história do carnaval na cidade começou no final da década de 80, quando um grupo de cariocas da região, se reuniu em um bar para

⁶ Doce de marmelo.

tocar samba nas datas de carnaval. Alguns anos após essa reunião, organizaram-se para fazer o Desfile da Escola de Samba Unidos da Ocidental. Ele contou que na época, o grupo captava recursos financeiros através de bingos, livro de ouro, patrocínios, além das verbas do governo (na época de Luziânia) para obterem seus instrumentos e materiais para a confecção de fantasias. Estratégias, essas, a maioria, adotadas pelo bloco de carnaval de rua Vai-Quem-Quer (manifestação carnavalesca contemporânea da cidade que irei falar no próximo capítulo) a partir da nossa terceira edição, quando houve a interação e o diálogo entre os novos fazedores deste evento com os antigos, a nova e a velha guarda do carnaval, que atuaram juntos em 2016, para a realização do bloco. Foi neste ano, que os integrantes do bloco Vai-Quem-Quer deram início a utilização dos instrumentos de percussão, os mesmos que um dia foram tocados pela bateria da escola de samba - Unidos da Ocidental.

CAPÍTULO 3

O BLOCO VAI-QUEM-QUER E SEUS SUJEITOS

Em meio a tantos movimentos culturais do município, históricos e atuais, nasce o Bloco de Carnaval de rua Vai-Quem-Quer, evento festivo carnavalesco contemporâneo, de Cidade Ocidental - GO, que foi idealizado em 2014 por nós, um grupo de moradores da cidade. O Bloco surgiu com o intuito de resgatar⁷ a festividade na avenida, antes feita pela Escola de Samba Unidos da Ocidental, e para manifestar também as nossas pautas de reivindicação política em relação ao descaso do Governo Municipal sobre as manifestações culturais. Entendemos desde o início que o objetivo da festa não seria apenas para nos servir como um entretenimento, mas também de reunir diferentes gerações, de questionar a realidade de exclusão que nós, moradores locais, enfrentamos, e para afirmar a nossa identidade de ocidentalenses.

Desde o início deste movimento, problematizamos em relação às dificuldades de acesso que enfrentamos em relação ao alto preço das passagens e às longas distâncias que temos que percorrer para estudar, trabalhar e até mesmo para participarmos de algum evento carnavalesco do Distrito Federal ou de outros estados. Queríamos ir, mas não podíamos. Então, a partir disso, surgiu a ideia, “vamos botar o nosso bloco na avenida e segue quem quiser!”, daí nasceu o nome Vai-Quem-Quer, com o primeiro lema, Quem Tudo Quer Nada Tem. Além disso, o coletivo chegou a questionar, também, a falta de fomento institucional do município às produções artísticas, a desvalorização aos artistas da região, o esquecimento das lendas urbanas e das grandes personalidades que fizeram parte da história do povo da cidade.

Em uma perspectiva etnocenológica, descrevo esse bloco enquanto um fenômeno espetacular. Por espetacular podemos entender como “uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar” (PRADIER, 1999, p. 24). Nesse sentido, pode-se entender que o contexto histórico da cidade ao qual tracei minimamente nos capítulos anteriores,

⁷ Utilizo este termo porque “resgate” é uma palavra muito recorrente na maioria das entrevistas realizadas para esta pesquisa.

são fatores que influenciam nas formas de ser e estar no espaço, na estética e nas produções desse determinado fenômeno pesquisado. Bião (1999), precursor da Etnocenologia no Brasil, subdividiu os fenômenos espetaculares nas seguintes classes gramaticais: substantivos, adjetivos e adverbiais. Na primeira temos as artes do espetáculo, teatro, dança, performance e outros. Estas acontecem quando se tem um preparo para mostrar ao outro deliberadamente e o outro compartilha com o fazedor uma consciência clara e objetiva do estado alterado de corpo e comportamento mútuos. No segundo, temos os ritos espetaculares, que são os ritos religiosos, as festas, enfim, são as espetacularidades que não dependem de espectador para que aconteçam. Já no terceiro temos as formas do cotidiano, onde não se tem a intenção de uma mostra deliberada para o outro. Esta espetacularidade é condicional ao olhar e ao estranhamento do outro.

Portanto, considero que o Bloco Vai-Quem-Quer perpassa de alguma maneira por esses três campos espetaculares. Ele pode ser adverbial, durante a nossa organização, lembrando que neste caso o meu olhar é o viabilizador do entender tal qual como espetacular. Reconheço que há uma transição na classe adjetiva, pois, o Bloco acontece independentemente de espectadores, assim se configura desde sua primeira edição. E há também uma certa passagem pelo grupo substantivo, pois quando começamos a fazer os bonecos e as canções, pensamos em como mostrar para o público. Enfim, reconheço que essa observação, aqui ainda superficial, merece ser aprofundada em futuros estudos. A princípio as trago para termos uma breve noção sobre esse conceito.

Para melhor compreensão sobre este fenômeno espetacular, buscarei seguir uma das propostas da etnocenologia que preza pelo princípio da alteridade, que é constituída pela ação da escuta aos práticos-fazedores. Veloso (2016, p. 93), professor doutor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, que atua principalmente nos temas sobre, etnocenologia, pedagogia do teatro, artes cênicas e estudos culturais, em seu artigo “Paradoxos e Paradigmas: A Etnocenologia, Os Saberes e Seus Léxicos”, afirma que “o que melhor define o saber e o fazer de cada grupo cultural é o léxico adotado por eles mesmos”. Nesta perspectiva, o Bloco Vai-Quem-Quer, que somos nós, possuímos a propriedade em

dizer o que nós vivenciamos e fazemos nesse contexto festivo. Assim, você que está lendo, poderá se aproximar do conhecimento do discurso que temos sobre nós mesmos. Ao decorrer dessas apresentações trarei algumas entrevistas, os entrevistados foram selecionados por meio da disponibilidade dos mesmos, resultando assim em amostra por conveniência. A moradora da Cidade Ocidental e integrante do Bloco, Bianca Caixeta (Imagem 1), 26 anos, em 16 de fevereiro de 2015, na 2ª edição do Vai-Quem-Quer - Se tu Não Quer Tem Quem Queira - expressou em suas redes sociais, o seguinte discurso sobre o fazer coletivo⁸:

Nós um grupo de amigos decidimos que ao invés de irmos à capital do país (vulgo Brasília) pular carnaval iríamos nos reunir e formar nosso próprio bloquinho – se tu não quer tem quem queira. Nos deparamos com várias dificuldades técnicas, mas aos trancos e barrancos entre desânimos, taxações, estigmas e desdém saímos e ocupamos a rua, a nossa rua, a nossa cidade – tu não quer tem quem queira. Nos divertimos muito ano passado e sentimos essa necessidade de mobilizar, nos moradores a valorizarmos nosso espaço, nosso lar- se tu não quer tem quem queira. Afinal nada contra buscar diversão fora da cidade, mas por que não fazer diversão na cidade? Mas - Se tu não quer, tem quem queira- ficar. Nosso bloco é mais que um simples bloco carnavalesco, é um bloco de resistência, é um bloco político, é um bloco de artistas locais, é um bloco de crianças, jovens, adultos, senhoras e senhores. É um bloco de cultura, é um bloco de respeito, é um bloco de manifestação – se tu não quer tem quem queira. Nossa cidade precisa que fiquemos nela, precisa que nós cuidemos dela, nossa cultura precisa de resgate e já existem movimentações em trâmite a fim de tornar essa demanda realidade- se tu não quer tem quem queira. E uma novidade é que existe sim uma galera que quer, que fica, que valoriza, que marca presença, que se orgulha e que planta sementes. Lembrem-se comunidade civil e estatal da Cidade Ocidental NÓS QUEREMOS – se tu não quer tem quem queira.

Imagem 1 - Bianca Caixeta (com flores na cabeça) com Damaris Inana e Natália. 1ª edição do Bloco Vai-Quem-Quer, 2014.

⁸ Disponível em: < (2) bloco vai quem quer cidade ocidental se tu nao quer bianca - Pesquisa do Facebook>. Acesso em: 02 de dezembro. 2018.



Fonte: Acervo pessoal de Dayse Rodrigues.

Dudu Guerreiro (Imagem 2), músico e organizador do bloco, escritor, poeta e compositor, em conversa/entrevista disse (informação verbal):

O bloco pra mim é a demonstração do que é ser feliz. A gente trouxe de volta o que havia sido “perdido”. A gente trouxe de volta de uma forma profunda e politizada. Tenho muito zelo pelo bloco. Vejo que isto foi um passo para uma revolução na cidade. O bloco é um ato político, o fato de estarmos unidos já é um ato político. Tenho um sentimento de realização que abrange não só o momento em que estamos na festa, mas também de sermos uma referência. Esse sentimento de termos conseguido junto com a galera, né? Criar alguma coisa que se torne uma referência pras próximas gerações, sei lá, entendeu? Pra alguma coisa dentro da comunidade. Agora também tem um sentimento de alegria, saber que a gente tem alguma coisa pra fazer todo ano, sabe? Tem essa planta pra regar, entendeu? A gente já plantou a semente agora a gente tem que regar sacou? É mais ou menos por aí assim.

Imagem 2 - Dudu Guerreiro cantando na 5ª edição do Bloco Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode, 2018.



Fonte: Jornal Identidade.

Para Robson Siqueira (Imagem 3), membro organizador e músico do bloco, artista, rabequeiro, palhaço, compositor, morador da Ocidental há cinco anos, filho de pais pernambucanos, o Bloco Vai-Quem-Quer (informação verbal):

É um movimento cultural, artístico aqui da cidade onde várias pessoas podem se manifestar e brincar o carnaval, é uma brincadeira. Creio que o bloco vai-quem-quer é essa oportunidade que a gente aqui encontrou de fazer de alguma forma essa brincadeira do carnaval. O bloco é importante principalmente pela coletividade, né? É uma festa da coletividade, onde as pessoas se reúnem, se juntam, pra festejar um momento, né? Podendo questionar, podendo brincar, inverter valores sociais, o pobre se tornar rico, o rico se tornar pobre. Elas brincam com essa questão das fantasias. Então o carnaval é importante principalmente pra esses questionamentos políticos, onde a gente no nosso bloco, por exemplo, faz muito isso nas cantigas, as músicas que a gente usa são de cunho político, tem toda essas questões aí, é... exploradas dentro do carnaval, então acho que é importante principalmente pra fazer esse questionamento social, né? E essa oportunidade de brincar de esquecer por um instante, né? As mazelas da nossa vida. Pra mim enquanto sujeito, principalmente enquanto artista que produz, acho que o bloco é uma oportunidade de me expressar, de expressar minha arte, de mostrar também essa arte que a gente faz e desenvolve, por exemplo com os bonecos gigantes que a gente produziu, é uma oportunidade de tá mostrando essa arte. Principalmente essa de estar compartilhando esse fazer artístico.

Imagem 3 - Robson e a Noiva do Lago na 4ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Não Kiss Vai Querer, 2017.



Fonte: Jornal Identidade.

Para Elvira Izídio (Imagem 4), educadora, foliona (assim se denominam, mais recorrentemente que foliã) das folias do Quilombo Mesquita, catireira, organizadora, cantora e compositora do Vai-Quem-Quer (informação verbal):

Pra mim é... ele representa muito do povo de cidade ocidental, o bloco vai-quem-quer é um bloco de resistência, não é apenas um bloco que sai pro carnaval pra se divertir, o bloco traz consigo toda uma história, traz todo um desejo de mudança de luta contínua é um bloco muito alegre e que traz na alma um sentido de resistência. O sentimento de estar na avenida com o bloco de resistência, de superação de trazer o folclore de Cidade Ocidental pra rua, levantar isso, a bandeira folclórica de Cidade Ocidental e que é tão rica, com todos os seus personagens, suas lendas, de pessoas que viveram mesmo como o vovô Osório, fazer esse resgate do carnaval em si é muito importante. Ser parte da organização veio pela vontade e por ver como era o bloco, o primeiro ano que participei do bloco foi em 2014, então desde 2014 eu participo, tem cinco anos. De três anos pra cá como parte da organização, e isso surgiu em mim, essa vontade de fazer parte, de ajudar a organizar por ver e enxergar o espírito do bloco, de que estar naquele momento ali, naquelas horas de diversão e de alegria vai além disso tudo, vai além de vestir uma fantasia, é entregar mesmo o coração e gritar na rua o apelo por todas as falhas que acontecem nas gestões de Cidade Ocidental, por tudo que se necessita, é o grito de um povo por mais segurança e alegria, então passou ser e vir desse modo diferente pra mim. O bloco é importante por fazer esse resgate histórico, ao mesmo tempo que ele traz o apelo ele traz a história de Cidade Ocidental pras pessoas e traz toda uma contextualidade histórica e isso é muito importante, não deixar que fique pra trás, que morra... a Cidade Ocidental não ser conhecida apenas como cidade dormitório, é uma cidade que tem uma história e que vive, que pulsa as lendas e o Vai-Quem-Quer traz isso à tona, faz esse resgate, que muitas vezes fica alí esquecido, mesmo lá dentro da memória do povo, é fazer esse resgate, e pras pessoas que vem chegando na Cidade saber que existem histórias e um folclore muito vivo. Ter me fantasiado de rainha do marmelo foi um ato de resistência quilombola, foi ato de resistência por toda essa cultura da marmelada no Mesquita, porque ano passado foi um ano muito marcante, principalmente pra Festa do Marmelo, foi um ano em que tentaram tirar a festa de dentro do Quilombo e foi de uma forma desrespeitosa, foi um ato contra o desrespeito do governo para com o Quilombo.

Imagem 4 - Elvira fantasiada de Rainha do Marmelo, na 5ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode.



Fonte: Jornal Identidade.

Entrevistei um dos nossos organizadores, Lenildo do CD, vendedor ambulante de CD e DVD, pernambucano, que nos presenteou com sua participação como porta estandarte com seu carrinho de ferro soldado contendo dois grandes alto-falantes, que até hoje é o “trio elétrico” oficial do bloco, onde cada um dos foliões pode conduzi-lo na avenida. Lenildo do CD, quando falava sobre o bloco, no ato da entrevista, demonstrou revisitar-se interiormente para expressar suas palavras. As lágrimas da emoção em seus olhos e o nosso abraço, fez eu entender que o nosso trabalho está para além de tudo que consegui escrever nesta pesquisa etnocenológica. Para Lenildo, o Bloco (informação verbal):

Infelizmente na nossa cidade não tinha isso e a gente fundamos e a gente tá resistindo até hoje, a gente é forte, não quer apoio, não quer ajuda, tipo, explorar ninguém, mostrar o que a gente é, a nossa cidade e o que a gente cultiva. Porque na nossa cidade não tinha carnavalesco, tinha que sair daqui pra outros lugares e tem que continuar a nossa turma. O nosso bloco não vai cair e vamo levando. Eu sou nordestino, pernambucano, lá a gente tem o Galo da Madrugada e agora tá existindo o Galo de Brasília, que veio também do nordeste. A gente tá fazendo o nosso bloco na Ocidental, que vai fortalecer cada vez mais e a gente não vai parar. Eu fico feliz de as pessoas acompanhar o nosso bloco que é pequeno mas que a gente vai fortalecer cada vez mais.

Imagem 5 - Lenildo do CD na 2ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Se Tu Não Quer, Tem Quem Queira, 2015.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 6 - Lenildo com chapéu de guarda chuva, puxando o bloco com o “trio elétrico”, 2015.



Fonte: Daniel Silva.

Em análise aos sujeitos entrevistados, observa-se que na fala existem semelhanças nas ideias, sobre a questão da resistência, do resgate histórico e de identidade. Nesse sentido compreendo que o bloco representa, para nós, uma possibilidade de coexistirmos em nosso espaço, manifestando a alegria e a nossa voz. Bianca Caixeta nos traz aspectos interessantes para compreendermos a relação de pertencimento, quando ela expressa a ideia da importância de permanecermos na nossa cidade para fazermos o nosso carnaval. Lenildo do CD, pernambucano, que costumava participar do Galo da Madrugada, bloco de carnaval de Recife, faz uma colocação sobre a problemática da ausência da festa que havia na Cidade Ocidental e expressa que nós queremos “mostrar o que a gente é, a nossa cidade e o que a gente cultiva” são ideias do ser e fazer dos sujeitos ocidentais. Dudu Guerreiro apresenta em seu discurso uma consciência sobre podermos ser “referência para as próximas gerações”, onde identifico que há uma intencionalidade em tornar o bloco, futuramente, patrimônio de Cidade Ocidental. Poderemos identificar no decorrer desta pesquisa, um conjunto de materiais diversos, que contribuem potencialmente para a

construção desse patrimônio identitário, são marchinhas, bonecos, estandartes, máscaras e saberes que dizem muito sobre, quem somos, onde estamos e o que fazemos. Viana (2008, p. 119) descreve patrimônio como “riqueza construída e transmitida, herança ou legado que influencia o modo de ser e a identidade dos indivíduos e grupos sociais”. Sendo assim, são conjuntos de conhecimentos e realizações que o bloco compartilha, ao longo de sua história, entre as gerações, para erguer e aterrar os traços de sua singularidade.

Robson Siqueira levanta aspectos que dialogam com os demais entrevistados sobre a coletividade, a união das pessoas, o questionamento político, a oportunidade de se expressar e de compartilhar os fazeres artísticos. Compreendo que, de maneiras diferentes, todos esses sujeitos expressam a ideia de resistência, e para analisar esse discurso, trago a perspectiva do historiador e antropólogo, René Marc Silva (2008, p. 193) que reflete sobre educação nas festas populares. Sobre festa o autor diz:

São rituais nos quais se dramatizam os valores mais importantes desses grupos sociais ou comunidades, mas também em que se denunciam os contextos de sofrimento e a realidade de opressão das condições em que frequentemente se encontram as camadas subordinadas. Apontam, por vezes, para maneiras criativas de amenizá-las ou transformá-las, ostentando uma invejável habilidade de celebrar descontraidamente e de dizer sim à vida em meio à tanta adversidade.

Essa descrição de festa feita pelo autor aproxima-se, do que os entrevistados dizem sobre o desejo ou a necessidade de mudança da realidade de exclusão social, e também da nossa tão recorrente, resistência, expressão que diz a respeito de nossa luta frente às inúmeras opressões e descasos do governo municipal sobre a população. Como Elvira expressa. Robson relata sobre podermos “esquecer as nossas mazelas” no bloco, e que podemos inverter a questão dos valores sociais, nos transformamos em reis e rainhas, ou no que nós quisermos. A perspectiva desse sujeito dialoga com a ideia do René Marc Silva que nos apresenta sobre o dizer sim à vida, através da celebração, amenizando ou transformando uma realidade adversa.

Coloco-me aqui enquanto integrante do bloco, para acrescentar que estamos em uma constante entrega ao encontro com o outro, seja na avenida, seja na organização. Isso significa, ao meu entender, que esta manifestação festiva

proporciona a oportunidade de vivenciarmos e aprendermos uns com os outros a nos reconhecermos enquanto sujeitos coletivos protagonistas da nossa própria história.

Cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender. Assim, qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinando algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende. (BRANDÃO, 2008, p. 33)

Compreendo que este processo de troca constante entre o eu e o outro, que o antropólogo e pesquisador em educação, Carlos Rodrigues Brandão, nos traz, da interação de si com a vida e com o mundo, se fez muito presente especialmente no evento deste ano, 2018, quando algumas crianças e adolescentes da rua 19 me procuraram e disseram que queriam inaugurar no bloco a Ala das crianças e dos adolescentes, que elas intitularam como a Ala da Borboleta. Eu e a Frente Organizadora, orientamos e mediamos todo o processo de criação do estandarte deles. Este encontro gerou-me uma série de indagações e de reflexões sobre meu comportamento e meus cuidados com esses sujeitos. Noto que essas vivências e aprendizagens que o Bloco proporciona, envolvendo sujeitos de diferentes idades, é uma significativa prática social, onde juntos, temos a oportunidade de aprendermos a conviver com as nossas diferenças, de refletirmos acerca da nossa realidade, para a produção de um bem em comum. A maioria dessas crianças participam como foliões no bloco desde 2015, segunda edição do Vai-Quem-Quer, e hoje protagonizam essa história conosco.

Imagem 7 – Vivências e aprendizagens na produção do estandarte da Ala da Borboleta e de máscaras, 2018.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Por fim percebo que, ao longo desses cinco anos de minha participação nas vivências e aprendizagens desse fazer coletivo, essa festividade tem produzido muitos significados e significâncias aos que se envolvem de alguma maneira no evento, organizadores e foliões. Pois já existe um discurso entre crianças, jovens, adultos e idosos, de que esse é “o nosso bloco”, ou seja, há um sentimento de pertencimento de diferentes sujeitos em relação à festa e como ela está intrinsecamente ligada ao lugar em que acontece. Há o sentimento de pertença também pela cidade e a valorização de quem nós somos e o que fazemos.

3.1 Narrativas, canções e bonecos

Uma das grandes atrações do bloco são, os bonecos e as canções que passaram a fazer parte da festa no quarto ano de Vai-Quem-Quer, em 2017. Através dessas formas animadas e dessas músicas, expressamos a narrativa de nossas lendas e das personalidades que foram marcantes em nosso município. São possíveis maneiras de mantermos acesa a nossa memória e identidade.

3.1.1 A noiva do lago

- **Narrativa**

A lenda da Noiva do Lago é uma história antiga da cidade, contada oralmente de geração em geração. Essa lenda urbana fala sobre uma mulher que estava à caminho da igreja para se casar, em um automóvel que se descontrolou no percurso

e acabou caindo dentro do Lago Jacob, no centro da Cidade Ocidental. Depois de sua morte, causada pelo afogamento, a alma da noiva paira pela madrugada, sussurrando e atraindo as pessoas para o fundo do lago. Essa história já foi contada e recontada de muitas maneiras, pois existem várias versões. Ao percebermos que essa lenda estava caindo no esquecimento, resolvemos contá-la na festa, no Bloco Vai Quem Quer, utilizando a Boneca da Noiva do Lago, criada por nós e a seguinte canção:

Figura 2 - Marchinha 1: Noiva do Lago

Marchinha 1: Noiva do Lago

A lenda diz que era uma moça bonita
Que estava prestes a se casar
mas na entrada da igreja santo antônio
com seu amado não pode encontrar

O automóvel que levava a noiva
caiu no lago e afundou
agora ela que era a noiva amada
numa lenda urbana se transformou

Deu meia noite não vá passear no lago
cuidado amigo ela procura um novo amado

lago Jacob está mal-assombrado
pois lá pro fundo ela arrasta o felizardo
Pois lá pro fundo ela arrasta o felizardo

Composição: Wily Oliveira, Zé Carlos, Elvira Izídio| Robson Siqueira, Dudu Guerreiro, Bete.

Fonte: O autor.

Imagem 8: Marcos brincando com a Noiva do Lago na 5ª edição do Vai-Quem-Quer. Lema: Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode, 2018.



Fonte: Jornal Identidade

3.1.2 Vovô Osório

- Narrativa

Vovô Osório foi um morador de Cidade Ocidental, de origem pernambucana, lá de Nazaré da Mata. Foi o candidato a vereador mais velho do Brasil, que na época de sua candidatura tinha cento e sete anos de idade. Ele era membro integrante da Escola de Samba Unidos da Ocidental e até hoje as pessoas que o conheceram, contam que este senhor era muito alegre e brincalhão. Em uma entrevista que considero muito divertida, feita no programa Jô Soares Onze e Meia, Vovô Osório conta sobre sua própria vida, brinca com a história de ser um senhor centenário, pai de vinte e nove filhos, casado cinco vezes com esposas diferentes. O Bloco Vai Quem Quer atualmente homenageia na avenida a história desse senhor tão importante na cidade e que também estava caindo no esquecimento. O Vovô Osório é revivido no carnaval ocidentalense através do boneco e da canção:

Figura 3 – Marchinha 2: Vovô Osório

Marchinha 2: Vovô Osório

Vovô Osório, Vovô Osório
Tá viúvo de novo pra mais um casório
Vovô Osório, Vovô Osório
Tá viúvo de novo pra mais um casório

Me diz Vovô Osório qual é o segredo
Pra durar tanto tempo assim
Me diz Vovô Osório qual é o segredo
Pra durar tanto tempo assim

Meu fi, meu fi
só vivendo desse jeito "simplesim"

Meu fi, meu fi
Só vivendo desse jeito "simplesim"

Nasci em Nazaré da Mata
Pernambucano eu sou
Meu samba constata
Que sobe sim a pipa do vovô

Nasci em Nazaré da Mata
Pernambucano eu sou
Meu samba constata
Que sobe sim a pipa do vovô!

Composição: Wily Oliveira e Zé Carlos

Fonte: O autor

Imagem 9 - Vovô Osório ao centro, tocando pandeiro no desfile da Escola de Samba Unidos da Ocidental, na década de 90.



Fonte: Acervo pessoal de Jaqueline Lima.

Imagem 10 - Cabeça do Vovô Osório vestida por Heitor Alcântara. Vai-Quem-Quer, Quem Quer Pode, Quem Não Pode Se Sacode, 2018.



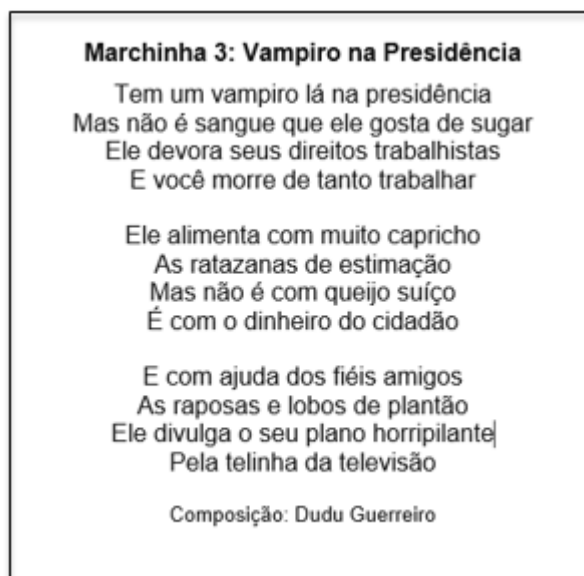
Fonte: Jornal Identidade.

3.1.3 Vampirão

- Narrativa

Neste ano de 2018, nós fizemos uma máscara e uma música para satirizar o presidente Michel Temer e a reforma da previdência.

Figura 4 - Marchinha 3: Vampiro na Presidência



Fonte: O autor.

Imagem 11 - Robson brincando com a máscara do Vampirão - 5ª edição do Vai- Quem-Quer, lema: Quem Quer Pode Quem Não Pode Se Sacode, 2018.



Fonte: Jornal Identidade.

3.1.4 Marmelo

- Narrativa

Esta marchinha foi feita e cantada na avenida em homenagem à Festa do Marmelo, à produção da marmelada no Quilombo Mesquita e em protesto à medida desrespeitosa tomada pelo governo do município, que está tentando realocar a festa para o centro da cidade, sem nenhum diálogo com a comunidade que cultiva o marmelo e produz a marmelada há mais de dois séculos. Ainda não há boneco para representar essa história.

Figura 5 – Marchinha 4: É marmelada é marmelo

Marchinha 4: É marmelada é marmelo

É marmelada é marmelo
 É marmelada é marmelo
 É marmelada quem vai querer

É marmelada é marmelo
 É marmelada é marmelo
 É marmelada quem vai querer

Mês de janeiro é festa
 O povoado se agita
 São mais de duzentos anos
 Lá no Quilombo Mesquita

É marmelada é marmelo
 É marmelada é marmelo
 É marmelada quem vai querer

É marmelada é marmelo
 É marmelada é marmelo
 É marmelada quem vai querer

O vovô quer marmelo
 Neném quer marmelada
 E toda a cidade meu bem
 Vai ficar lambuzada

Composição: Wily e Zé Carlos

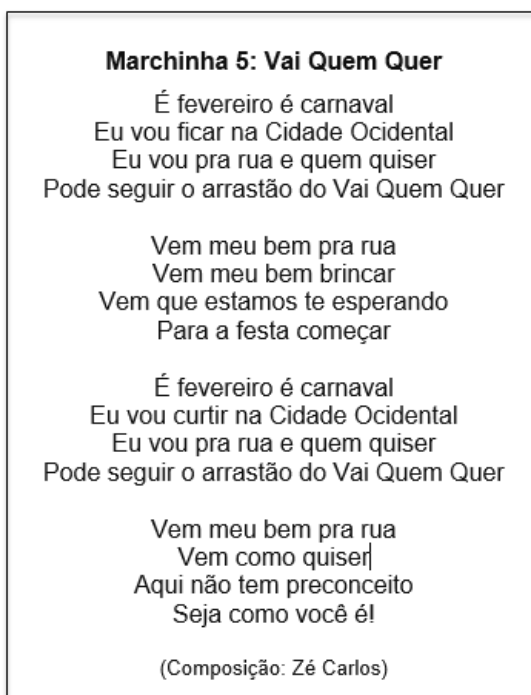
Fonte: O autor.

3.1.5 Marchinha do Vai-Quem-Quer

- Narrativa

A letra desta canção é um símbolo de resistência da ocupação da nossa rua, para fazermos a festa acontecer em dias de carnaval na cidade. É também um convite à toda pluralidade humana que queira estar conosco na avenida, para celebrarmos a vida e reivindicarmos criativamente os nossos direitos.

Figura 6 - Marchinha 5: Vai quem Quer



Fonte: O autor.

3.2 Resultados e Discussão

Esses elementos, histórias, marchinhas e bonecos, presentes nessa prática espetacular, que é o bloco Vai-Quem-Quer, podem contribuir para um processo de identificação de nós, sujeitos ocidentais, com a nossa história, individual e coletiva, tornando o bloco “lugar da memória”, conforme Horta (2008) afirma que lugares de memória são dispositivos que remetem às lembranças dos sentimentos, imagens, ideias, sensações e vivências individuais e coletivas em um “revivenciamento” que tem o poder de garantir o sentimento de pertencimento e de identidade. Esse lugar, que pode ser a avenida por onde passamos, o nosso estandarte, e tudo que constitui o nosso bloco. Esses dispositivos podem despertar nos foliões, lembranças e sentimentos, sobre as suas relações, individuais e coletivas. Isso provoca certo reconhecimento do sujeito sobre si e o outro e sobre o meio, onde são partilhadas as vivências. Podendo assim, ser gestado ou gerado o sentimento de pertencimento individual/coletivo. Considerando que esses elementos trouxeram várias outras contribuições para a comunidade, que precisam ser identificados, o que

remete a necessidade da continuidade da pesquisa deste fenômeno estudado em Cidade Ocidental.

A etnocenologia como uma disciplina que estuda, documenta e analisa as formas de expressões espetaculares dos povos, ainda que nova, está se constituindo para uma área que busca ao reconhecimento da alteridade das manifestações espetaculares humanas. Conforme mencionado por Bião (1999), a arte, a religião, a política e o cotidiano possuem aspectos espetaculares, a etnocenologia vem sendo um campo que busca outras perspectivas aos estudos sobre essas espetacularidades, além do teatro, considerando a teatralidade e o cotidiano. Dessa forma, a etnocenologia contribuiu para a valorização da prática espetacular humana organizada do Bloco Vai-Quem-Quer, de Cidade Ocidental, além de trazer a importância da escuta aos sujeitos envolvidos nas suas vivências e aprendizagens.

Com base nisso, percebo que o bloco além de ser entretenimento, é posicionamento político, é ação coletiva e é espaço de vivências e aprendizagens, um símbolo da resistência memorial da identidade do povo ocidentalense. É ação no âmbito de suas manifestações e no processo de construção do trabalho coletivo, que busca discutir, decidir e fazer o que precisa para o bloco chegar na Rua. Sendo que esse espaço de ação não se dissocia da política, conforme mencionado por Freire (1987) que não existe cultura do povo sem política do povo.

Entendo também que esses fatores são fundamentais para a construção do Patrimônio Identitário, por estarmos dialogando com diferentes gerações na retomada e no estudo da nossa história de forma crítica e criativa. Nós, os sujeitos envolvidos nessa construção, pensamos e nos questionamos sobre a(s) nossa(s) realidade(s) de exclusões e opressões já mencionadas neste trabalho anteriormente, de sujeitos que não possuem acesso à educação, saúde de qualidade, entre outros. A partir disso, como participante, vejo que essas indagações geram necessidades de ações criativas, transformadoras da realidade mencionada. Por isso, quando falamos de patrimônio falamos de riquezas consagradas e de valores que representam essa comunidade, são coisas construídas, transmitidas que formam o Ser e a Identidade do indivíduo e do coletivo, conforme afirma Vianna (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos esses elementos apresentados, que constituem o Bloco Vai-Quem-Quer, demonstram a importância desse trabalho para os envolvidos. O bloco está para além de um entretenimento, é também espaço para resistência cultural, ação política e coletiva, que envolve os sujeitos em um sentimento de pertencimento à Cidade Ocidental, o que é importante para a valorização de nossas formas de Ser e Criar nesse espaço. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de torná-la contínua dentro da comunidade investigada, por se tratar de uma cidade, de um município, e de sujeitos que são excluídos e ignorados no âmbito social por seus governantes. No entanto, poderemos colaborar com a inclusão desses sujeitos, cada vez mais na pesquisa, que busca no campo da etnocenologia valorizar as práticas espetaculares humanas organizadas.

Considero que o que aqui fizemos foi um ato de resistência dentro do nosso meio acadêmico ainda tão elitista e eurocêntrico. Eu falo da minha realidade periférica, falo de espetacularidade humana, falo de carnaval, falo de nós! Como eu e meus conterrâneos já disseram nas entrevistas, nós somos aqueles que costumam sair dos seus lugares, para termos acesso à universidade pública e de qualidade, para ir a festas, ao teatro, ao museu, dentre outros. Então, aqui está também uma forma de fazer com que o pensamento de quem não nos conhece se desloque, saia um pouco de seus lugares, para refletir essa realidade, para que tomem conhecimento da beleza espetacular que está acontecendo na periferia goiana do DF.

Ainda existem muitos materiais fotográficos e audiovisuais, entre outros documentos sobre a história do carnaval ocidentalense que precisam ser estudados. Quero continuar contribuindo nos estudos etnoecológicos sobre esta espetacularidade humana ocidentalense. Ainda temos muito a percorrer nessa avenida infinita da pesquisa sobre o Bloco. Agradeço sua visita. Sigamos com alegria, nessa tão primorosa festa transformadora, que é o bloco de carnaval de rua Vai Quem Quer, da Cidade Ocidental, GO.

REFERÊNCIAS

- BIÃO, A. J. de C. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos/** Armindo de Carvalho Bião, Prefácio Michel Maffesoli. - Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- _____. **Etnocenologia: textos selecionados/** Christine Greiner e Armindo Bião, organizadores. - São Paulo: Annablume, 1999.
- BRANDÃO, C. et al. **Cultura Popular e Educação** (salto para o futuro). Organização René Marc da Costa Silva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. 2008
- DOYLE, P. **Brasília, Moradia e Exclusão.** Aldo Paviani (organizador). Brasília. ed. Universidade de Brasília, 1996. 250 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- CIDADE OCIDENTAL - GOIÁS. História da Cidade Ocidental. Disponível em: <<http://www.cidadeocidental.go.gov.br/pagina/4-historia>>. Acesso em: 02 de dezembro. 2018.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HORTA, M. de L. P. **Cultura Popular e Educação** (salto para o futuro). Organização René Marc da Costa Silva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. 2008.
- JORGE, L. **Cidade Ocidental...contada pelos seus pioneiros.** Brasília: 2ª edição. Alpha editora, 2014.
- MORIN, E. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: UNESCO/Cortez Editora 2000.
- NERES, M. B. **Quilombo Mesquita: história, cultura e resistência.** Brasília, DF: Gráfica Conquista, 2016.
- OLIVEIRA, W. **Quilombo Mesquita, Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na Construção do Pesquisador Coletivo.** Brasília, 2012.
- PRADIER, J. M. in. **Etnocenologia: textos selecionados/** Christine Greiner e Armindo Bião. organizadores. São Paulo: Annablume, 1999.
- SOUSA, N. et al. **Brasília, Moradia e exclusão.** Aldo Paviani (organizador). Brasília. ed. Universidade de Brasília, 1996. 250 p.

- OLIVEIRA, W. **Quilombo Mesquita: Cultura, Educação e Organização Sociopolítica na Construção do Pesquisador Coletivo**. Brasília - DF, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6296/1/2012_WesleyDaSilvaOliveira.pdf>. Acesso em: 02 de dezembro. 2018.
- PAVIANI, Aldo. **Qualidade de Vida nas Metrôpoles**, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6Cre01vglOM&t=659s>>. Acesso em: 02 de dezembro. 2018.
- SILVA, R. M. in. **Cultura Popular e Educação** (salto para o futuro). Organização René Marc da Costa Silva: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. 2008
- SILVA, T. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu Silva (org.)**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- VELOSO, G. **Paradoxos e Paradigmas: A Etnocenologia, os Saberes e Seus Lexos**. Repertório, Salvador, nº 26, p.88- 94, 2016.1
- VIANA, L. in. **Cultura Popular e Educação** (salto para o futuro). Organização René Marc da Costa Silva: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. 2008

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA

Entrevista que fiz com Júlia, adolescente de 12 anos, moradora da cidade, que acompanha o bloco desde a segunda edição.

Wily (entrevistador): Desde quando você participa do bloco?

Júlia (entrevistada): Desde o segundo que vocês fizeram eu estou no meio.

Wily (entrevistador): E quantos anos você tinha, lembra?

Júlia (entrevistada): Acho que eu tinha uns sete anos.

Wily (entrevistador): Porque você continua “pulando” no Bloco Vai-Quem-Quer?

Júlia (entrevistada): a, porque é bem organizado, a galera é divertida, é... os preparativos antes do bloco, tipo, junta a galera pra fazer estandarte, máscaras, esses negócios igual da última vez que a gente fez, acho legal, tipo tá no meio, participar, é massa tá no meio da galera.

Wily (entrevistador): o que você sente quando tá na avenida com a galera toda?

Júlia (entrevistada): a, alegria né? fico feliz porque, tá todo mundo junto, é massa.

Wily (entrevistador): E a boneca da Noiva do Lago, você já conhecia essa lenda antes de vê-la no bloco?

Júlia (entrevistada): Eu conheci sobre a história dela no carnaval, que eu vi e falaram sobre ela e fui conhecendo.

Wily (entrevistador): Porquê é importante o carnaval pra cidade?

Júlia (entrevistada): a, porque traz, tipo, alegria, todo mundo junto, se divertindo junto é... sem briga, todo mundo curtindo na paz, acho que é interessante pra cidade, pra ela ver que...pelo menos uma vez assim no ano, né? todo mundo fica junto curtindo numa boa, acho que é interessante pra cidade.

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA
ORGANIZADORES E PARTICIPANTES DO BLOCO DE RUA VAI-QUEM-QUER**

DADOS BÁSICOS:

Nome:

Gênero:

ENTREVISTA:

- Participação no bloco? Desde quando? (Pergunta aberta para entender a participação da pessoa no bloco)
- Na sua percepção, o que é o bloco?
- Para você qual é a importância do bloco para a Cidade Ocidental?

ANEXOS

ANEXO A - AO CENTRO ESTÁ JÚLIA JUNTAMENTE AOS DEMAIS INTEGRANTES DA ALA DA BORBOLETA, NA 5ª EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE 2018.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO B - PRIMEIRA EDIÇÃO DO BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM TUDO QUER NADA PODE, 2014. NO FUNDO, PARTE DOS INTEGRANTES DO COLETIVO DE ARTISTAS DA CIDADE E À FRENTE A PRIMEIRA MORADORA A SE INTEGRAR NA FESTA.



Fonte: Acervo pessoal de Dayse Rodrigues.

**ANEXO C - SEGUNDA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: SE TU NÃO QUER,
TEM QUEM QUEIRA, 2015.**



Fonte: Acervo pessoal de Daniel Silva.

**ANEXO D: SEGUNDA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: SE TU NÃO
QUER TEM QUEM QUEIRA, 2015.**



Fonte: Acervo pessoal de Daniel Silva.

ANEXO E - TERCEIRA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM TÁ FORA PODE ENTRAR E QUEM TÁ DENTRO NÃO SAI. PARADA NO BAR DO ZÉ MARIA.



Fonte: Acervo pessoal de Wily Oliveira.

ANEXO F - TERCEIRA EDIÇÃO DO BLOCO VAI QUEM QUER, 2016. PRIMEIRA VEZ QUE UTILIZAMOS OS INSTRUMENTOS DA ANTIGA ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA OCIDENTAL, NA AVENIDA.



Fonte: Acervo pessoal de Wily Oliveira.

ANEXO G: QUARTA EDIÇÃO DO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM NÃO KISS VAI QUERER, 2017. O ANO EM QUE A BONECA DA NOIVA DO LAGO FOI PARA A AVENIDA.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO H: VAI QUEM QUER, LEMA: QUEM NÃO KISS VAI QUERER, 2017.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO I - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM NÃO KISS VAI QUERER, 2017.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO J - VAI QUEM QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. TROFÉU DE MELHOR FANTASIA, VOTADA POR JÚRI POPULAR.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO K - ALA DA BORBOLETA. VAI QUEM QUER, 2018.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO L - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO M - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. CONCURSO DE FANTASIAS.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO N - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. MÚSICOS DO BLOCO.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO O - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018. UNIÃO DE DIFERENTES GERAÇÕES NO BLOCO.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO P - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO Q - MOMENTOS



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO R - DANÇA



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO S - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE, 2018.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO T - BLOCO VAI-QUEM-QUER, LEMA: QUEM QUER PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE.



Fonte: Jornal Identidade.

ANEXO U: ARTES DE DIVULGAÇÃO DAS EDIÇÕES DO VAI-QUEM-QUER.⁹



Fonte: Acervo pessoal de Wily Oliveira.

⁹ Exceto a arte do segundo carnaval, todas foram criadas e feitas pelo artista ocidentalense, Oberon Blenner.